

EDUCAÇÃO EM PRISÕES NO CENÁRIO CEARENSE: ENTRE A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DE JOVITA ALVES FEITOSA

Carla Poennia Gadelha Soares¹
Tania Vicente Viana²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o percurso educativo traçado por Jovita Alves Feitosa, docente que investiu 22 anos de sua vida na luta pela garantia dos direitos fundamentais das pessoas privadas de liberdade no cenário cearense. Metodologicamente, investiu-se na história oral como meio para a coleta de dados. Realizaram-se sete entrevistas com a professora cearense durante o período de fevereiro a outubro de 2015, com o intuito de desvelar os meandros pertinentes à história e à memória da educação em prisões no estado do Ceará. Após fidedigna transcrição das falas obtidas nas entrevistas, procedeu-se à transcrição e posterior validação por parte da entrevistada. Os resultados demonstraram que Jovita Alves Feitosa assumiu o risco do pioneirismo quando passou a dedicar-se à Educação em prisões no cenário cearense. Iniciou sua trajetória como professora no Presídio Feminino, assumindo, em virtude dos excelentes resultados de seu trabalho, a Coordenadoria Educacional do Sistema Penal Cearense, onde permaneceu por mais de 15 anos. A dedicação envolvente, a sensibilidade e o compromisso ético foram marcas de Jovita Feitosa ao longo de sua trajetória profissional, sendo integralmente movida pela fé inabalável no poder transformador da Educação. A docente cearense contribuiu ativamente para que o Ceará se tornasse referência nacional como sendo o estado brasileiro com a maior taxa de presidiários envolvidos em atividades educacionais do país. A história da educação nos presídios cearenses está intrinsecamente relacionada ao percurso profissional empreendido pela educadora Jovita Alves Feitosa: uma eterna criadora de sonhos.

Palavras chave: Biografia. Educação. Memória. Prisões.

EDUCATION IN PRISONS IN CEARÁ: BETWEEN THE HISTORY AND THE MEMORIES OF JOVITA ALVES FEITOSA

Abstract

This paper outlines Jovita Alves Feitosa's educational career, a teacher that dedicated twenty-two years of her life to guarantee the rights of the people who are deprived from freedom in the state of Ceará. In the methodological perspective, oral history was adopted as the research technique. Seven interviews were conducted with this teacher from February to October 2015 in order to reveal the complexities that are relevant to reveal the history and the memory of education in Ceará's prisons. The interview speeches were accurately transcribed and then submitted to the respondent's validation. The results showed that Jovita Alves Feitosa was a pioneer in dedicating herself to education in Ceará's prisons. She started her career as a teacher at the Female Penitentiary and then, for the great results of her work, she was nominated to the Educational Coordination of the Penal System of Ceará, standing there for more than fifteen years. Overwhelming dedication, sensibility and ethical commitment, besides her constant faith in the power of education transformation were the main features of Jovita Alves Feitosa's professional trajectory. This teacher actively helped to turn Ceará into a national reference as the Brazilian state with the highest rate of prisoners involved in educational activities. The history of education in Ceará is intrinsically related to the professional journey undertaken by Jovita Alves Feitosa: an eternal creator of dreams.

Keywords: Biography. Education. Memory. Prisons.

¹Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Membro da Comissão de Remição de Pena pela Leitura nos Estabelecimentos Penais do Estado do Ceará. E-mail: poenniasoares@gmail.com

²Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: taniaviana@ufc.br

Introdução

Narrar, ainda que de forma abreviada, a história da educação no cenário prisional cearense é tarefa desafiadora, sobretudo pelos poucos registros formais dessa experiência. O único documento do estado do Ceará que traz um breve relato da história da educação em espaços privativos de liberdade se trata do *Plano estadual de educação nas prisões do estado do Ceará* (2011), que atribui à professora Jovita Alves Feitosa a qualidade de precursora na oferta da educação aos internos recolhidos nos presídios do referido estado brasileiro.

Esse fato contribuiu para o nascimento do objetivo do presente artigo, qual seja: refletir sobre o percurso educativo traçado pela docente Jovita Alves Feitosa, que investiu 22 anos de sua vida na luta pela garantia dos direitos fundamentais das pessoas privadas de liberdade. O empenho da professora cooperou para que o Ceará ganhasse notoriedade nacional como sendo o estado brasileiro com a maior taxa de presidiários envolvidos em atividades educacionais do país, segundo dados divulgados pelo Ministério da Justiça em agosto de 2014.

Neste trabalho, pretendemos, portanto, compartilhar com o leitor uma trajetória profissional marcada pela ousadia, coragem e determinação, própria de quem não se encolhe diante dos obstáculos políticos, tampouco ante o pessimismo fatalista de quem difunde a ideia de que “presidiário não tem jeito; não muda”. Compartilharemos, assim, os registros inéditos das memórias educativas da professora Jovita Alves Feitosa, ao mesmo tempo que refletiremos sobre a história da educação das prisões cearenses no período de 1986 a 2008. Por fim, apoiar-nos-emos em Fialho (2012), que defende que a biografia de um sujeito retrata muito além da vida privada, uma vez que, na qualidade de ser social, o indivíduo interfere fortemente no seu contexto.

Metodologia

Nem tudo é verdadeiro; mas em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que, no entanto, está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós, cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar.

(Michel Foucault)

Com relação à investigação acadêmica, Adorno (1991, p. 13) assevera que “[...] pesquisar é antes de tudo descobrir algo novo, trilhar caminhos distintos dos convencionais, perturbar as certezas e convicções, embaralhar razão e paixão”. A analogia serve de preâmbulo aos nossos esforços, no sentido de uma construção metodológica que atenda aos objetivos de investigação.

Conforta-nos, no entanto, saber que o pensamento sempre faz seus caminhos, mais ou menos organizados, seja para cumprir alguma tarefa, seja para voltar ao ponto de onde partiu; assim também funciona a pesquisa científica, cujo êxito depende de como as trilhas planejadas pelo pesquisador se mostram adequadas ao trajeto que ele deseja percorrer.

Para narrar as práticas educativas empreendidas por Jovita Alves Feitosa, educadora que investiu esforços na luta pela garantia do direito à Educação por parte das pessoas privadas de liberdade no cenário cearense, investimos na história oral como valioso instrumento metodológico para coleta de informações.

A justificativa de nossa escolha metodológica baseia-se na necessidade de utilizarmos a memória como fonte de resgate de informações acerca de episódios pretéritos que foram testemunhados pela protagonista deste estudo. Assim, realizamos sete entrevistas durante o período de fevereiro a outubro de 2015 com a professora Jovita Alves Feitosa, a fim de juntar os fios que compuseram a tessitura dos discursos desvelados ao longo da pesquisa.

Por fim, com este trabalho, pretendemos oferecer uma maior visibilidade à voz da educadora que dedicou mais de duas décadas à educação das pessoas que são relegadas à mais baixa categoria social: os presidiários. Ressaltamos ainda que não tencionamos declarar verdades absolutas, mas sim narrar uma história a partir da perspectiva de quem ajudou a construí-la.

Jovita Alves Feitosa: uma vida dedicada à educação em prisões

Jovita Alves Feitosa, a oitava de doze filhos da professora Leonarda do Vale Feitosa e Castro e do fazendeiro Raul Alves Feitosa, nasceu em 24 de junho de 1952, no município de Aiuaba, localizado a 400 quilômetros de Fortaleza-Ceará.

FIGURA 1 – Seu Raul e Dona Leo: pais de Jovita



Fonte: Arquivo pessoal de Jovita Feitosa (1975).

A pequena Jovita Feitosa sinalizava que tinha pressa para vir ao mundo e não esperou que sua mãe completasse o ciclo gestacional. Nasceu prematuramente, com apenas 22 centímetros de comprimento e acometida por uma varíola severa. A menina Jovita, desde o nascimento, já surpreendia a todos pela força de sua luta, inicialmente para sobreviver e posteriormente para educar os esfarrapados e excluídos do mundo: os presidiários.

Seu nome foi sugerido por um amigo da família, o ex-senador federal Olavo Oliveira Nascimento, quem, percebendo a frágil saúde da criança, aconselhou à senhora Leonarda e ao senhor Raul que escolhessem um nome “forte” para a menina, de sorte que assim ela pudesse sobreviver. Propôs então a alcunha “Jovita”, palavra de origem latina que significa “energia”. O nome, se lido de trás para frente – *ativoj* –, aproxima-se do adjetivo que marca a personalidade da protagonista deste relato, conforme evidencia o dicionário Houaiss (2009): “pessoa que exerce ação; que atua de modo dinâmico, diligente, vivo; que é atuante, participante; que possui a faculdade de agir livremente”.

Os pais, observando a melhora diária da miúda, que ficava enrolada numa folha de bananeira, não titubearam e a batizaram de Jovita Alves Feitosa, então homônima da valente cearense que, vestida de homem, lutou na Guerra do Paraguai (MATOS, 2001).

A família, constituída pelos pais e onze irmãos, morava numa ampla fazenda chamada “São Gonçalo”, em Aiuaba. De lá, Jovita traz lembranças da casa sempre cheia de gente, da natureza embelezando o cenário, dos animais pastando, do riacho que servia de palco para as travessuras das crianças nos tempos das férias escolares, conforme revela o depoimento que segue.

Minha casa era muito grande, muito acolhedora. Nas férias, eu, meus primos e irmãos saíamos pela fazenda para brincar. Tudo que eles faziam, eu queria fazer também. Eles iam para o açude e pulavam dentro d’água. Eu não queria nem saber, pulava também, mesmo sem saber nadar. Havia um senhor lá na fazenda que sempre estava com a corda pronta para me salvar. Eu queria ver a paisagem lá de cima das árvores; então eu subia na parte mais alta das árvores e não sabia descer. Alguém tinha que me laçar e me resgatar. Eu era caladinha, tímida, mas fazia tudo isso.

Jovita parecia não enxergar impedimentos para suas travessuras. Sentir medo de não lograr êxito em alguma tarefa é próprio dos adultos; as crianças são livres, não se interessam pelos obstáculos limitantes às ações do ser humano. Sem reconhecer os perigos, Jovita se relacionava com a natureza de maneira profunda, entregava-se às águas do açude, desafiava a altura das árvores, brincava com serpentes, como se já soubesse que a vida lhe exigiria, na fase adulta, muita iniciativa, coragem e ousadia.

FIGURA 2 – Infância.



Fonte: Arquivo pessoal de Jovita Feitosa (1956).

O medo, de fato, não era um sentimento próprio da menina Jovita, que sonhava em ver almas, amedrontando todos os seus amigos, primos e irmãos. Os mais velhos contavam que o aparecimento de espíritos de escravos era comum nas fazendas. As histórias contadas, em vez de assombrar, faziam com que Jovita sentisse cada vez mais vontade de adentrar esses espaços para conhecer e conversar com os espíritos. “Quem sabe eu poderia ajudá-los?”, esse era seu pensamento. A necessidade de compreender o que ocorre após o desencarne já sinalizava a doutrina da qual se tornaria adepta mais tarde: o espiritismo.

Jovita foi iniciada no mundo das letras aos cinco anos de idade, quando participava das aulas que a mãe ministrava para as crianças das redondezas. Segundo Jovita, a “[...] mãe atendia aos filhos de prostitutas e de mães solteiras; atendia também a crianças pobres e negras. Todo mundo que era renegado pela sociedade tinha acesso garantido em minha casa”. As aulas, ocorridas na sala de sua casa, encantavam a menina, que não somente aprendia a ler e a escrever, mas a amar e a respeitar o próximo, independentemente de sua condição social e cor de pele. Mais tarde, em 1986, Jovita se tornaria professora de pessoas privadas de liberdade, evidenciando que, assim como sua mãe, apostava na Educação como instrumento de transformação e inclusão social.

Aos seis anos de idade, os sinais de liderança e de compromisso para com os desfavorecidos tornaram-se ainda mais evidentes na personalidade da menina Jovita. Como seu pai, o senhor Raul, era político e candidato a prefeito de Aiuaba, era comum que eles visitassem frequentemente as casas dos moradores do município. Enquanto o pai de Jovita conversava com alguns eleitores, ela interagia com outros, conforme as lembranças descritas a seguir:

Eu me lembro que os moradores sempre me pediam coisas: gados, ovelhas, carneiros, lenha. Quando meu pai se dava conta, eu já tinha feito muitos negócios, ou melhor, muitas doações. Quando chegávamos em casa, meu pai pedia para minha mãe conversar comigo e para me explicar que eu não podia dar tudo que me pedissem. Apesar de não concordar integralmente com minhas decisões, ele nunca me desautorizou. Ele sabia da importância da palavra dada. Eu era criança, mas, se tinha prometido algo, tinha que cumprir. Eu gostava de ajudar a quem precisava.

Em virtude das disputas políticas que envolvia seu progenitor, alguns familiares de Jovita foram presos na cadeia do município, provocando, assim, seu primeiro contato com o ambiente prisional. Quando indagada sobre o que sentira nesse momento, Jovita foi categórica ao dizer: “Eu sentia que tinha que estar onde as pessoas precisavam de ajuda, não importava o lugar. Eu levava comida, roupa e um pouco da leveza de espírito de uma criança”.

Previendo um futuro incerto para a família Feitosa em razão das inimizades do chefe de família por causa das rivalidades políticas, a mãe de Jovita resolveu pedir o desquite e mudar-se para Fortaleza com os oito filhos – nessa época, quatro já haviam falecido –, em busca da tranquilidade necessária para educar os rebentos.

A senhora Leonarda, considerada uma mulher à frente de seu tempo, continuou exercendo a profissão de professora e dedicando-se à literatura, tendo publicado três livros, quais sejam: *Uma história de vida*, *Recordações* e *80 anos e um novo começo*. No ano de 2005, foi homenageada pela Academia Tauaense de Letras, juntamente com a filha que tem o mesmo nome. Na oportunidade, a mãe de Jovita Feitosa demonstrou gratidão e humildade ao proferir o seguinte discurso: “Sinto-me por demais honrada em participar deste grandioso evento. Jamais pensei que a simplicidade dos meus livrinhos me levasse a galgar tão elevado degrau no seio desta academia. Muito obrigada”. Desencarnou em 2014, aos 89 anos de idade, vítima de infarto fulminante.

FIGURA 3 – Leonarda Feitosa (filha) e Leonarda Feitosa (mãe).



Fonte: Arquivo pessoal de Jovita Feitosa (2005).

As referências familiares foram fundamentais para a formação da personalidade de Jovita. Com o pai, aprendeu a honrar os compromissos selados, a não se omitir em situação de injustiça, a entregar-se verdadeiramente à luta pelo que acredita ser o correto. Da mãe, por sua vez, herdou a ousadia para inovar, a coragem para assumir uma postura crítico-reflexiva diante dos fatos da realidade, a amorosidade para educar e o respeito incondicional à diferença.

No ano de 1979, aos 27 anos de idade, Jovita deu à luz a sua única filha, Ana Clara Feitosa do Nascimento. Para conciliar estudo, trabalho e maternidade, contou com o apoio incondicional de sua mãe, dona Leonarda, que sentia prazer em ensinar as tarefas escolares da neta e em contar-lhe histórias para dormir. Jovita se autodefine como “mãe boba e coruja” e se emociona ao dizer que a filha é uma grande companheira, com quem aprende diariamente. Atualmente as duas moram juntas e não perdem a oportunidade de conhecer novos lugares e culturas.

FIGURA 4 – Ana Clara e Jovita.



Fonte: Arquivo pessoal de Jovita Feitosa (2013).

Em 1974 graduou-se no curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), passando a atuar como professora em escolas públicas da periferia de Fortaleza. A prática docente fez com que Jovita percebesse a importância de se dedicar mais aos estudos das teorias pedagógicas a fim de compreender como poderia lidar com as dificuldades de aprendizagem dos educandos inseridos em contexto de desfavorecimento social.

Assim, formou-se em Pedagogia no ano de 1988 pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Foi nessa universidade que nasceu o desejo de se dedicar ao magistério em ambientes privativos de liberdade. A esse respeito, Jovita nos conta como tudo ocorreu:

A professora da disciplina ‘Métodos e técnicas da pesquisa pedagógica’ havia pedido para a gente fazer um trabalho científico sobre a Educação. Inicialmente eu tive a ideia de fazer uma comparação do trabalho desenvolvido pelos professores da rede pública com os professores da esfera privada. A minha professora disse que os resultados da pesquisa poderiam ser constrangedores para os meus colegas docentes e pediu que eu pensasse em outro tema. No mesmo dia, ela convidou toda a turma para prestigiar uma palestra que estava tendo no auditório da UECE, da professora Itelvina Marly. Quando eu me levantei para ir embora, pois ainda precisava ir para o trabalho, eu ouvi a palestrante dizendo: ‘Ninguém se preocupa com a garantia dos direitos da companheira presidiária’. Aquela frase tocou meu coração, era como se fosse um chamado. Eu fiquei paralisada em frente à porta de saída. Resolvi voltar e, olhando para minha professora, disse: ‘Acabei de decidir meu tema de pesquisa – a educação da mulher encarcerada’. Ela me olhou assustada, e eu saí do auditório. Como eu nasci de

sete meses, saí de lá e já fui ligar para o diretor do Presídio Feminino a fim de pedir autorização para realizar minha pesquisa.

Adorno (1991, p. 13) estava certo ao postular que “[...] pesquisar é antes de tudo descobrir algo novo, trilhar caminhos distintos dos convencionais, perturbar as certezas e convicções, embaralhar razão e paixão”. Jovita Feitosa encontrou dentro de si uma grande motivação para iniciar sua pesquisa, o que lhe garantiu o “brilho nos olhos” que perdura até hoje, quando compartilha as experiências vivenciadas na docência atrás das grades.

Sob a orientação da professora Maria Neide Barreira Rodrigues, Jovita desenvolveu o trabalho intitulado *A oferta educacional da mulher presidiária do Instituto Penal Feminino Desembargadora Auri Moura Costa*, tendo como lócus a penitenciária para presas em regime fechado, que foi inaugurada no dia 22 de agosto de 1974, no antigo prédio do Convento da Congregação do Bom Pastor, na Praça do Liceu, em Fortaleza. Atualmente o Presídio Feminino funciona no município de Aquiraz.

Ao término do trabalho acadêmico, Jovita revela que tinha mais perguntas que respostas, dentre as quais nossa biografada destaca:

Como efetivamente ocorriam as aulas dentro da prisão? Quais conteúdos eram priorizados? Que metodologias pedagógicas eram aplicadas? Qual o papel da educação dentro da cadeia? Qual o significado que as prisioneiras atribuíam à Educação? Qual a importância do professor nesse processo? Como a Educação pode contribuir para a transformação da vida dessas pessoas? O que eu, como professora, posso fazer para trazer mais luz para a vida dessas excluídas?

Foi nesse momento de profundas inquietações e reflexões que Jovita Alves Feitosa percebeu que a pesquisa só tem importância se puder contribuir para a transformação social. Assim, a nota dez no trabalho da disciplina de “Métodos e técnicas da pesquisa pedagógica” não teria nenhum valor se as ideias transcritas no papel não significassem uma mudança de postura por parte da pesquisadora. Já que nem sempre se pode aferir os impactos de uma pesquisa no contexto dos investigados, tem-se que garantir pelo menos a melhoria da capacidade crítica e reflexiva do pesquisador, que é também um sujeito atuante no mundo.

Nesse sentido, a professora resolveu deixar as salas de aulas convencionais das escolas públicas de Fortaleza para atuar na “cela de aula” do Presídio Feminino no ano de 1986. Sobre o início da carreira, Jovita nos revela:

Minha primeira dificuldade foi conseguir uma lotação no Presídio Feminino. Ninguém queria autorizar porque diziam que era muito perigoso. Tive que conseguir o contato do Secretário de Educação da época e pedir autorização. Ele mesmo fez um ofício e encaminhou ao diretor do presídio da época. Quando eu cheguei lá, tinha uma sala de aula com uma professora, que não era formada ainda. Ela pareceu não ter gostado muito da minha presença. Assumi minha primeira turma e me descobri encantada por aquele universo. Mas nem tudo são flores. Eu me desesperei quando percebi as

enormes lacunas na nossa formação de professor. Ninguém é preparado na faculdade para lidar com tamanha diversidade.

Segundo os relatos da entrevistada, a turma, formada por aproximadamente 23 alunas, era marcada pela heterogeneidade de experiências de vida, de conhecimentos conteudísticos e de motivações para estudar, o que dificultava um planejamento pedagógico que contemplasse igualmente todas as necessidades discentes. Diante disso, Jovita resolveu buscar ajuda com sua orientadora, a professora Maria Neide Barreira Rodrigues. A catedrática recomendou à recém-formada que aprofundasse as leituras das obras de Paulo Freire, que discutiam a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da pedagogia da amorosidade e da esperança. Sobre isso, Jovita revela:

Li muitas obras tentando encontrar soluções ou pelo menos um norte para minha prática. Eu queria saber como lidar com as diferenças de saberes e personalidades. Eu pensava que eu teria muito a ensinar, mas descobri, na prática, que eu tinha muito a aprender. Foi no presídio que eu vivenciei os maiores exemplos de solidariedade. Quando você está lá na prática é que você percebe o quanto ainda tem para aprender. Muitas vezes, as respostas não estão nos livros, mas dentro de cada um de nós mesmos. O ponto-chave é respeitar as pessoas, independentemente de qualquer coisa.

O depoimento da professora é semelhante ao do pedagogo Anton Makarenko (1888-1939), que se dedicou à educação de jovens infratores na Colônia Gorki, Ucrânia. O educador, que também buscou nos livros uma orientação para sua práxis, revela:

[...] o resultado principal dessas leituras foi uma convicção firme, e, subitamente, não sei por que, fundamental, de que nas minhas mãos não existia nenhuma ciência nem teoria nenhuma, e que a teoria tinha de ser extraída da soma total dos fenômenos reais que se desenrolavam diante dos meus olhos. No começo eu nem sequer compreendi, mas simplesmente vi que eu precisava não de fórmulas livrescas, as quais não podia aplicar aos fatos de qualquer maneira, mas sim de uma análise imediata e de uma ação não menos urgente (MAKARENKO, 1987, p. 24).

Nesse sentido, para Makarenko (1987, p. 9), o princípio educacional que deve nortear a prática pedagógica voltada para infratores é “[...] exigir o máximo da pessoa e respeitá-la ao máximo”. Em nosso entendimento, essa máxima deve se estender a todos os níveis e modalidades de ensino, independentemente do lugar onde ocorram – na sala ou cela de aula –, posto que a práxis educativa deve alicerçar-se nos valores de solidariedade, justiça e respeito ao outro.

A atuação profissional de Jovita Feitosa nas salas de aula do Presídio Feminino chamou a atenção das autoridades da época, que se interessavam em saber como a professora havia conseguido aumentar o número de internas com interesse em estudar e reduzido o absentismo discente. A esse respeito, Jovita nos fez a seguinte confidência:

Eu conversava com elas sobre o poder libertador da educação. Explicava que elas, se aprendessem logo a ler, deixariam de depender de terceiros para escrever uma carta para a família ou para o companheiro ou companheira. Eu mostrava para elas os benefícios advindos de uma aprendizagem efetiva; de uma aprendizagem significativa para a vida delas. Eu partia sempre do concreto, da realidade. Se um ensino descontextualizado já não funciona nas escolas aqui de fora, imagine lá dentro! A professora tem que mostrar o sentido e a importância de tudo, porque muitas vezes elas não veem sentido em nada da vida. Para isso, é preciso acreditar firmemente no que se diz e se faz.

O depoimento da docente nos convida a refletir sobre o que geralmente ocorre no contexto educacional brasileiro, que se norteia pela perspectiva do ensino bancário ao conceber os educandos como “depósitos” de conteúdos desvinculados da realidade (FREIRE, 2013). Maeyer (2006) também demonstra preocupação com o assunto ao dizer que a educação, no contexto prisional, deve ser uma oportunidade para que os internos decodifiquem e transformem sua realidade, não podendo, portanto, fundamentar-se em um ensino descontextualizado.

Consoante Dewey (1978, p. 37), “[...] o que se aprende isoladamente, de fato, não se aprende. Tudo deve ser ensinado tendo em vista o seu uso e função na vida”. Assim, a experiência educativa deve ser capaz de ampliar os conhecimentos, enriquecer o espírito e dar significação profunda à vida. Nessa concepção, educar significa crescer, não no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual e humano.

Diante das experiências educativas exitosas vivenciadas no interior do Presídio Feminino no ano de 1988, José Bento Laurindo de Araújo, então diretor do Instituto Penal Professor Olavo Oliveira I (IPPOO I), resolveu convidar Jovita Feitosa para implantar salas de aula no presídio. A professora, sem titubear, aceitou o novo desafio e passou a visitar a unidade prisional masculina a fim de conhecer o cenário, conforme nos relata a seguir:

Quando eu cheguei ao IPPOO I, fiquei surpresa com a receptividade dos presos. Eles já tinham ouvido falar da minha experiência no Presídio Feminino. Muitos deles eram maridos das minhas alunas. Então, rapidamente eu adquiri a credibilidade necessária para atuar na prisão. Devido ao fato de não haver professor que queria trabalhar no sistema prisional, eu tive que pensar em outra estratégia para garantir as condições mínimas para a criação de uma sala de aula. Resolvi então sondar os presos a fim de verificar quem de lá já possuía o nível superior. Acabei encontrando um rapaz que sabia francês, italiano, inglês, grego e hebraico. Ele mesmo, por conta própria, já tinha feito um levantamento do nível de escolaridade dos companheiros de cadeia e tinha descoberto que lá havia um acadêmico de medicina, um de direito, um de engenharia de pesca e um agrônomo.

Assim, a professora Jovita, sob a autorização do Juiz Ademar Mendes Bezerra, implantou um sistema de monitores da Educação, que consistia na proposta de os internos aprenderem com seus pares. A esse respeito, Leme (2002) pontua que assumir os monitores presos como sujeitos do processo educativo remonta a experiências surgidas durante o regime militar brasileiro (1964-1985), em que presos políticos passaram a ministrar aulas para colegas de cela com menor escolarização.

Essa proposta, bastante inovadora para a década de 1980, foi regularizada pelo Ministério da Justiça por meio da Resolução n. 3, de 11 de março de 2009, que recomenda, em seu art. 9º, parágrafo 1º, que “[...] os educadores pertençam, preferencialmente, aos quadros da Secretaria de Educação”. O parágrafo 2º, por conseguinte, acrescenta “[...] a pessoa presa ou internada, com perfil e formação adequados, poderá atuar como monitor no processo educativo”.

A dedicação e o compromisso de Jovita Feitosa em favor da efetivação do direito à Educação por parte dos encarcerados logo ganhou visibilidade no cenário cearense, resultando no convite do então Secretário da Justiça e Cidadania, Paulo Carlos Silva Duarte, e do Secretário de Educação do Estado do Ceará, Antenor Manoel Napolini, para assumir a função de Coordenadora Educacional do Sistema Penal. Sua principal atribuição era garantir o acesso à Educação às pessoas privadas de liberdade no estado do Ceará.

No ano de 1990, Jovita foi incitada a inaugurar salas de aulas no Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS). Esse presídio se destacava por algumas particularidades: era o maior do estado; estava superlotado (tinha capacidade para 400 presos, mas recolhia à época mais de 1000 presos); passava por problemas de deterioração da infraestrutura e por frequentes rebeliões. O contexto inibia a entrada de agentes externos, tendo em vista que alguns pavilhões ficavam sob o comando de perigosas facções.

As circunstâncias davam claros indícios de que a missão dada à coordenadora educacional era praticamente impossível de ser cumprida. Jovita, no entanto, nunca perdeu as características que marcaram sua infância: ela não tinha medo, não desistia diante dos obstáculos, tampouco deixava de empreender energias no que acreditava ser o correto. Jovita pensava: “[...] se a educação é um direito de todos, pois trabalhemos para garantir a lei. Deus sempre nos ajudará”. Sua estratégia de trabalho, descrita a seguir, foi considerada por muitos “uma verdadeira loucura”:

Eu disse à Secretária da Justiça, Sandra Dond Ferreira, que precisava entrar pessoalmente no presídio. Eu queria conversar de perto com eles. Depois de muito tentar, fui autorizada. Chegando lá, fiz uma reunião com os líderes das facções para explicar a proposta político-pedagógica da escola. Apresentei minhas intenções e pedi o apoio deles. Todos, sem exceção, apoiaram. Parece que eles estavam se sentindo gente, estavam se sentindo respeitados. A maioria já estava à minha espera por saber do trabalho que estávamos desenvolvendo nos outros presídios. Só uma coisa me atrapalhou um pouco: era tanta polícia comigo que, se eu desse um passo para trás, pisava no pé de um policial. A presença da polícia inibe a expressão sincera por parte dos encarcerados. Mesmo assim, fomos autorizados pelas facções a iniciar as experiências educativas dentro do IPPS. Foi um choque para muita gente o fato de eu ter conversado com eles pessoalmente.

O ano de 1990 marcou, assim, a inauguração de cinco salas de aula no Instituto Penal Paulo Sarasate. Dessa vez, no entanto, o sistema de monitoria não foi bem aceito pelos encarcerados, por julgarem que os monitores poderiam receber privilégios por parte da gestão penitenciária ou serem

possíveis delatores do que acontecia no interior das celas do instituto penal. Desse modo, os agentes penitenciários que tinham completado a Educação Superior dedicavam parte de seu tempo à função de professor.

Os alunos do IPPS passaram a demandar a criação de uma biblioteca na unidade penal. Fizeram uma relação constando de um levantamento dos autores e gêneros literários de sua preferência e entregaram a Jovita, que se emocionou ao ver que as faces enrijecidas pelo cárcere tentavam encobrir a sensibilidade de quem se comove com a leitura de um poema. Para atender ao pedido dos educandos, a professora Jovita elaborou um projeto, em parceria com a então Secretária Executiva da Secretaria de Justiça, Maria do Rosário Dond Veloso, com a finalidade de angariar recursos para a aquisição dos livros.

Em 1992, foi inaugurada pela Secretária Nacional de Justiça, Elizabeth Sussekind, uma ampla biblioteca no Instituto Penal Paulo Sarasate, beneficiando a todos os alfabetizados – alunos ou não – que se interessassem pelas obras. Uma grande rebelião, contudo, pôs fim aos livros. Anos depois, em 1994, o IPPS ganhou ampla repercussão nacional e internacional, após o episódio do sequestro de Dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza à época. Em consequência disso, muitos presos foram transferidos, muitos projetos chegaram ao fim, no entanto as salas de aulas continuaram sendo palco de grandes aprendizagens, claro que agora com menor número de alunos.

Ainda no ano de 1994, ocorreu a celebração de um Convênio de Cooperação Técnica entre a Secretaria da Educação e a Secretaria da Justiça com o objetivo de ampliar a oferta da Educação de Jovens e Adultos nos estabelecimentos penais do estado. Em 1995, o Secretário da Educação, Antenor Manoel Napolini, convidou Jovita Feitosa para conversar em seu gabinete sobre a educação no sistema penitenciário, conforme evidencia o depoimento que segue:

O secretário me surpreendeu pela simplicidade desde o primeiro momento. Ele me pediu que eu contasse sem pressa todas as ações que já tínhamos desenvolvido nos presídios e que metas nós tínhamos para o futuro. Quando eu terminei de contar, ele se mostrou impressionado e disse que, a partir daquele momento, nós também poderíamos contar com a Secretaria da Educação. Ao final da conversa, ele falou com todos os chefes e disse que eu tinha autonomia para fazer tudo que eu precisasse fazer, dentro da legalidade, para garantir o direito à educação aos presos; que, para isso, eu poderia contar com o apoio da equipe dele.

A partir daí os professores passaram a ser contratados pela Secretaria da Educação. A expansão da oferta de educação foi ocorrendo gradativamente e, ao final da década de 1990, um total de 65 estabelecimentos penais em todo o estado possuíam salas de aula e oferta de escolarização.

Em 2003, cinco alunos formaram-se em Direito por uma universidade privada de Fortaleza e seis concluíram Teologia por outra faculdade. Nesse mesmo ano, 3.768 pessoas privadas de

liberdade estudavam na prisão, correspondendo, assim, a 41% do total da população carcerária do estado do Ceará.

Em 2004, sob a coordenação da professora Jovita Feitosa, ocorreu o Primeiro Encontro Cearense de Educadores do Sistema Penitenciário. O evento contou com a participação de professores, gestores de estabelecimentos penais, estudiosos da área e autoridades da Educação e da Administração Penal. Na oportunidade, foram discutidas propostas educativas específicas para o contexto dos espaços de privação de liberdade cearenses.

Em 2005, foi realizado o Primeiro Encontro Nacional de Educadores do Sistema Penitenciário. A solenidade foi prestigiada por professores de vários estados brasileiros, dos quais destacamos: Alagoas, Goiás, Mato Grosso, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Sergipe e Tocantins. Autoridades do cenário estadual e nacional se fizeram presentes no evento, dentre os quais sublinhamos: Dr. Timoty Ireland, do Ministério da Educação e Cultura; Dr. Fábio Sá e Silva, do Ministério da Justiça; José Evânio Guedes, da Secretaria da Justiça do estado do Ceará; Luiz Bessa Neto, da Vara de Execuções Criminais.

A essa altura, 56% da população carcerária cearense passou a frequentar os bancos das salas de aula no interior dos presídios. Jovita Feitosa passou a se consolidar como referência nacional na luta pela garantia do direito à Educação por parte dos encarcerados. Recebeu convites advindos de muitos estados brasileiros para compartilhar suas experiências e favorecer a implantação de salas de aula em outras localidades, como nos mostra a lembrança adiante:

Depois desse evento, começamos a receber ligações do Brasil inteiro de pessoas interessadas em conhecer a nossa realidade. Visitei Sergipe, Goiás, Mato Grosso e muitos outros estados. Partilhei as experiências cearenses, mas também aprendi muito em cada lugar visitado. Conheci muitas prisões brasileiras. Elas são muito semelhantes em suas fragilidades, mas nos surpreendem em suas possibilidades de superação. Para um projeto ressocializador funcionar bem dentro da prisão, é preciso que alguém lá de cima – diretor, secretário, etc. – acredite verdadeiramente. Não adianta trabalhar com esse público se a pessoa não é capaz de acreditar na melhoria do ser humano.

Em 2006, para dar continuidade aos momentos de reflexão, foi realizado o Segundo Encontro de Educadores do Sistema Penitenciário do Ceará, que, dessa vez, contou com a participação de representantes da Coordenadoria Nacional da Educação de Jovens e Adultos e da Coordenadoria de Educação do Ministério da Justiça. As discussões, segundo Jovita, apontaram para a “[...] necessidade de elaboração de uma proposta educacional capaz de exercer uma influência positiva na vida do encarcerado, oferecendo-lhe condições para a construção de um projeto de vida transformador”.

Aos 56 anos de idade, após 22 anos de dedicação exclusiva à Educação em espaços privativos de liberdade, Jovita Alves Feitosa resolve deixar a Coordenadoria Educacional do Sistema Penal para cuidar da saúde e, sobretudo, para investir em novos sonhos, conforme explica a docente:

No dia 7 de maio de 2008, deixei a coordenadoria. Eu comecei a sentir que estava precisando de um tempo para mim. O trabalho na prisão é muito enriquecedor. Ele provoca grandes mudanças dentro de nós. Passamos a olhar para o mundo e para as pessoas de uma maneira muito diferente, sob a perspectiva de uma nova luminosidade, sob a luz do amor, da compreensão e da solidariedade. No entanto, não posso omitir a carga de energias pesadas que essa missão traz consigo. A gente se envolve demais com as histórias de vida daquelas pessoas, com suas dores e angústias. Muitas vezes, a gente não pode fazer nada além de interceder a Deus por dias menos difíceis para eles. O ambiente prisional é insalubre, além de muito instável. Diante de tudo isso, manter o equilíbrio emocional, a saúde física e mental é muito difícil. Eu decidi deixar a coordenadoria, mas estou certa de que não abandonei minha missão. Hoje trabalho com a Educação Infantil nas áreas de risco de Fortaleza. Acolho os filhos de muitos presidiários e presidiárias. Investir nessas novas sementinhas tem me tornado ainda mais feliz. Continuo acreditando no poder transformador da Educação. É essa crença que me reveste de força para investir cada vez mais no ser humano. Todos, em qualquer momento da vida, podem mudar suas histórias de vida.

Jovita Feitosa, conforme nos revelou, tem atuado como docente na Educação Infantil. Ademais, tem se dedicado à escrita de livros voltados para crianças, os quais ensinam, dentre muitas outras coisas, como cuidar do planeta e como viver em comunhão com nossos pares. Com o público infantil, Jovita afirma que tem aprendido a “[...] apreciar a simplicidade das coisas”, destacando que seu objetivo diário é “[...] trabalhar para que essas crianças não deixem de sonhar com o impossível e que não deixem de acreditar que são capazes”.

A dedicação envolvente, a sensibilidade e o compromisso ético são marcas de Jovita Alves Feitosa, que é integralmente animada pela fé inabalável na capacidade de superação do ser humano. Prova disso é que, ao longo de sua vida, dedicou-se àqueles que perderam a esperança em si e no mundo – os encarcerados – e àqueles que, na contramão da miséria que embala sua existência, enxergam a riqueza de possibilidades de realizarem seus sonhos – as crianças em situação de vulnerabilidade social.

Considerações finais

No presente artigo, buscamos descrever e analisar as práticas educativas empreendidas pela professora Jovita Alves Feitosa nos ambientes de privação de liberdade do estado do Ceará. Para tanto, recorreremos à história oral como metodologia de investigação científica, considerada, no âmbito da pesquisa qualitativa, um instrumento valioso de coleta de dados.

As memórias de Jovita Feitosa sobre a infância nos levaram a conhecer uma menina travessa, tímida, mas também muito decidida. Conversava com os eleitores do pai como se dominasse os assuntos próprios da vida adulta, interagia com a natureza de maneira íntima e respeitosa,

acompanhava as aulas de sua mãe como se já soubesse que mais tarde assumiria tão notável compromisso. Os pais foram referências valorosas para a menina Jovita.

Na fase adulta, Jovita mostrou-se ainda mais intensa em seus propósitos de vida. Assumiu o risco do pioneirismo e passou a dedicar-se à Educação nas prisões cearenses no ano de 1986. Nessa data, ressaltamos que praticamente não havia indícios de escolarização formal dentro das penitenciárias do Ceará. Jovita não se declinou diante das incontáveis dificuldades próprias do ambiente prisional, tampouco se sujeitou ao discurso fatalista de que “preso não tem jeito”.

Movida pelo amor ao próximo, pela justiça e pela ousadia, não conteve esforços na luta pela garantia dos direitos das pessoas privadas de liberdade. Chegou a coordenar dezenas de professores responsáveis diretos pela educação de mais de 4 mil presos cearenses. Ganhou destaque nacional quando promoveu ampla discussão sobre o tema no Primeiro Encontro Nacional de Educadores do Sistema Penitenciário. Entrou em várias prisões brasileiras a fim de estimular a implantação de salas de aulas.

Nossa protagonista vibrou pelas vitórias, comemorou as primeiras palavras soletradas por centenas de detentos, chorou pelos mortos nas rebeliões, denunciou a falta de condições mínimas à vida digna dos homens e mulheres presos, lamentou pelas notícias advindas de familiares sobre a reincidência dos ex-alunos na vida do crime. Os mais diversos momentos vivenciados por Jovita Feitosa encontraram fundamentos na esperança, na solidariedade e no amor.

Esses princípios, segundo Paulo Freire (2011), não podem ser confundidos com sentimentos manhosos, piegas e mornos. Ao contrário, eles devem ser princípios armados e quentes, que encontram sua razão numa práxis coerente. Foi deste modo que Jovita Feitosa sempre agiu: de maneira firme, com voz forte, com palavras claras e frases curtas. Seu jeito “sem cerimônias”, como ela mesma define, faz com que seus conhecidos a interpretem como “mulher de personalidade muito forte”, por nunca se esquivar em opinar, mesmo correndo o risco de desagradar a alguém.

As breves narrativas discutidas ao longo deste trabalho desvelam que Jovita Alves Feitosa contribuiu sobremaneira para a história da educação nas prisões no estado do Ceará e quiçá do Brasil, na medida em que foi convidada por autoridades de vários estados da federação para compartilhar experiências e apontar para possibilidades educativas nos cárceres brasileiros.

Por fim, as questões abordadas neste artigo são fruto da análise realizada pelas autoras a respeito das memórias compartilhadas pela própria biografada. Assim, são passíveis de outras discussões, ressignificações e reinterpretções de pesquisadores interessados. Considere-se ainda que se trata de investigação pioneira pela ausência de trabalhos que organizem suas memórias e legados às gerações futuras. Apesar da brevidade da discussão, esperamos que tenhamos conseguido contagiar

nossos leitores com a força que marca a história de vida da cearense Jovita Alves Feitosa: exemplo de ousadia, de amor e de fé.

Referências

ADORNO, S. A prisão sob a ótica de seus protagonistas: itinerário de uma pesquisa. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 3, n. 1 e 2, p. 7-40, 1991.

BRASIL. Resolução n. 3, de 11 de março de 2009. Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária. **Dispõe sobre as Diretrizes Nacionais para a Oferta de Educação nos estabelecimentos penais**. 2009. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=10028&Itemid=>. Acesso em: 5 fev. 2015.

CEARÁ. **Plano Estadual de Educação nas Prisões do Estado do Ceará**. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. 2011.

DEWEY, J. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FIALHO, L. M. F. **A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei**. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEME, J. A. G. **A cela de aula: tirando a pena com letras. Uma reflexão sobre o sentido da educação nos presídios**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002

MAEYER, M. Na prisão existe a perspectiva da educação ao longo da vida? Alfabetização e Cidadania. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Brasília, n. 19, p. 17-37, 2006.

MAKARENKO, A. S. **Poema pedagógico**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MATOS, K. S. L. **Jovita Feitosa**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

Recebido em: 13/05/2016

Aceito em: 02/06/2016